

Entre vida e morte, a busca pela sobrevivência - uma análise do conto “Maria”, de Conceição Evaristo

Marília Forgearini Nunes¹

Joana Wurth Geller²

Resumo: No presente texto, discute-se o entrelaçamento entre literatura e necropolítica, valendo-se do conto “Maria” presente na coletânea *Olhos d'água* de Conceição Evaristo (2016). Analisa-se o conto com base no modelo do percurso gerativo de sentido da semiótica discursiva, de modo a ampliar a compreensão sobre como o texto diz o que diz e deixa efeitos de sentido que convidam a refletir construindo teses sobre o ser humano por meio da ficção. Observa-se que a literatura exerce importante função para descortinar sentidos por meio de fatos narrados e personagens caracterizados que oferecem perspectivas diversas do mundo e das suas relações. Assim, este trabalho nos permite mostrar que a relação entre ficção e realidade ajuda a pautar um passado que ainda é presente, o qual precisa ser superado, sob pena de que mais vidas sejam perdidas caso não o seja. Palavras-chave: Literatura. Necropolítica. Produção de sentido. Semiótica discursiva.

Introdução

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos

1 Doutora em Educação (PPGEDU/UFRGS). Docente no Departamento de Ensino e Currículo (DEC), na área de Didática dos Anos Iniciais, leitura e escrita e no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: marilia.forgearini@ufrgs.br

2 Graduada em Licenciatura em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/UFRGS). Contato: joanawgeller@gmail.com

sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Antonio Candido. *O direito à literatura* (1995).

É inegável o papel humanizador da literatura. Desvenda-se, entre as suas distintas possibilidades, um modo de acessar o mundo e suas interações, permitindo sentir o sentir do outro ao pôr em prática a empatia. Essa definição quase simplista se relaciona com a concepção de Necropolítica, de Achille Mbembe, que se apresenta como conceito-chave para que se possa problematizar e contextualizar — temas e figuras do discurso, presentes na literatura contemporânea — as marcas culturais, sociais e históricas resultantes de um passado colonial ainda recente.

Com base nos estudos acerca do pensamento de Mbembe (2018), reitera-se o entendimento da importância da discussão sobre as consequências do racismo estrutural que a população negra tem experienciado até os dias de hoje. Desde o princípio, a trajetória dos negros no território brasileiro foi marcada, continuamente, pela violência psicológica e física, pela submissão e desvalorização do ser humano, conferindo um *status* social de “sobrevida” a esses grupos. Um sofrimento expresso em dados estatísticos exarcebados e corriqueiras divulgações midiáticas que constataam essa constituição de um país pautado pela necropolítica, determinando pelo poder político e social, e por meio de ações e omissões, sempre ceifar a vida de corpos negros.

Diante de tais argumentos baseados no conceito de necropolítica, o texto reflete, valendo-se da narrativa literária como maneira de tornar presente a vida do outro, o sentir do outro. A teoria semiótica discursiva oferece as lentes conceituais para analisar o conto *Maria* da coletânea *Olhos d'água* (2016), de Conceição Evaristo, uma história carregada de figuras que tematizam questões de gênero, raça e classe, ao retratar a história de uma mulher negra, mãe solo, que vive na periferia, trabalha como doméstica

e que, diariamente, enfrenta a luta contra o cansaço, a dor e a miséria em busca de sua própria sobrevivência e de seus filhos.

A textualidade narrativa se estrutura por meio de mecanismos de expressão que configuram discursos que constituem efeitos de sentido a partir do percurso gerativo de sentido (modelo proposto pela semiótica discursiva para compreender a geração do sentido em relação à enunciação textual), propiciando ao leitor experimentar um deslocamento cognitivo e afetivo facultado pela experiência estética. Segundo Aguiar (2012, p. 136), esse encontro permite sentir e saber que o horizonte individual, moldado à luz da sociedade de seu tempo, se mede com o horizonte do texto e que, desse encontro, advém maior conhecimento sobre o mundo. sobre si próprio e, nós acreditamos, sobre o outro.

Assim, este estudo assume o percurso gerativo de sentido, modelo da semiótica discursiva que atua para a compreensão da significação, isto é, “uma **teoria da significação** (grifo dos autores) [que se preocupa em][...] explicitar, sob forma de construção conceitual, as condições de apreensão e da produção de sentido.” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 455). O artigo analisa, primeiro, o plano do conteúdo do conto “Maria” (2016) de Conceição Evaristo, para, em seguida, descrever como tal conteúdo se relaciona com o plano de expressão evidenciando como o texto literário tematiza a vulnerabilidade social vinculada ao racismo.

Literatura: efeitos de sentido sobre mim e sobre o outro

É por meio de palavras que a literatura representa e apresenta o mundo aos que se propõem a desbravá-la, expondo formas de conhecimento aos leitores que vivem a experiência estética, ao oportunizar a reflexão, a criticidade, o aprimoramento dos sentimentos, o exercício da criatividade além da imaginação e a oportunidade de experimentar dialeticamente

conflitos. Ler literatura é também oportunidade de acessar o valor social inerente a este texto que endossa uma análise do universo sociocultural, atentando para a multiplicidade que pode caracterizar tal universo. Esse é um poder que é praticamente um dever do texto, visto que:

O texto ficcional vale-se das referências da realidade histórica, em termos de tempos, ambientes, costumes, personagens, conflitos, sentimentos, para abstrair dos fatos as motivações humanas que os geraram e que são comuns a todos os homens. Ler ficção, por conseguinte, não é entrar num mundo mágico, irreal e alienado, mas captar a realidade mais intangível, aquela sedimentada no imaginário a partir das ingerências do cotidiano da história individual e social. (AGUIAR, 2012, p. 141).

A coletânea *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, ostenta um elevado valor estético e social ao apresentar realidades de sujeitos que, há muito tempo, têm sido silenciados e expostos a um sofrimento velado. A autora apresenta, nos 15 contos que compõem a coletânea, uma prosa embasada em vivências sociais e carregada de marcas individuais. A individualidade se demarca no uso da primeira pessoa mas sem individualizar o que se conta, pois tratam-se de histórias que podem ser de uma coletividade, permitindo uma pluralidade de personagens que entoam suas visões de mundo, provenientes de um cenário excludente que marginaliza. Apesar das adversidades encontradas, o que se mostra são personagens que se mantêm ativos na busca pelo protagonismo de suas jornadas.

Em relação às personagens, percebe-se que grande parte das protagonistas são mulheres negras e periféricas que assumem papéis distintos: filhas, mães, avós, esposas e trabalhadoras. Nessa variedade de papéis sociais e espaços ocupados, por vezes impregnados de subjugação e violência, encontra-se a resistência e a busca por modos de existir que defrontem essas sujeições sociais. A visibilidade implícita nesse

desvendamento de realidades propiciado pela obra configura-se como um recurso potente para se pensar o enfrentamento do racismo. Nesses contos, a literatura exerce sua função:

[...] de tratar de temas e questões que de outra forma não seriam aceitas ou teriam dificuldade de circular socialmente. Não se trata apenas de tematizar um assunto delicado, mas sim de tornar público, de fazer o leitor participar da questão, levando temas guardados em esferas sociais específicas para um círculo maior de pessoas. (COSSON; PAULINO, 2012, p. 92).

Portanto, pode-se dizer que o texto literário é um objeto cultural que possibilita aos leitores, por meio de uma experiência estética e social, viver o outro discursivamente, seus sentimentos e sensações, ampliar pontos de vistas, ressignificar a sua vida em relação à vida do outro. Isso não significa que a literatura assume o papel redentor de transformação, mas oferece possibilidades de viver-se outras vidas sem se perder da sua, apenas com a chance de imaginar, conceber e, possivelmente, organizar outras vidas (TODOROV, 2009). Essa experiência sensível ante ao texto literário, de acordo com a semiótica discursiva, é imanente ao texto e aos seus recursos sintáticos e semânticos que estruturam a textualidade. Na continuidade, analisa-se de que modo o conteúdo discursivo do conto escolhido é tematizado por meio da relação entre conteúdo e expressão, manifestando o tema que evidencia a relação entre literatura e necropolítica.

O Percurso Gerativo de Sentido: o conteúdo desvendado

Para realizar a análise do conto "Maria", adota-se a perspectiva teórica da semiótica discursiva que concebe o texto como um fenômeno de sentido e se atenta a "examinar os procedimentos de organização textual e,

ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e recepção do texto.” (BARROS, 2005, p. 12). Dessa forma, observa-se que há dois modos de perceber os mecanismos de significação: o texto e seus procedimentos de organização textual, denominados como plano de conteúdo, e os mecanismos enunciativos de produção e recepção do texto, denominados como plano de expressão.

O plano de expressão é construído segundo as particularidades de cada texto e da linguagem que faz com que o texto chegue aos leitores. O plano do conteúdo é compreendido por meio de um percurso gerativo de sentido. As estruturas indicadas por esse percurso gerativo de sentido são dispostas de acordo com um “modelo” teórico-metodológico de produção do discurso que se organiza em três níveis de aprofundamento: o fundamental, o narrativo e o discursivo. Segundo Barros (2005, p. 11), esse percurso “vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto”, aprofundando o sentido, auxiliando na compreensão de como se é produzido.

O primeiro nível do percurso, denominado nível fundamental, apresenta-se como o mais simples e abstrato. Nele, evidencia-se uma oposição semântica mínima a partir da qual o sentido começa a ser construído. No início do conto “Maria”, percebe-se a oposição semântica sobre a qual a narrativa se constrói. É apresentada uma situação na qual se identificam aspectos que remetem a uma ideia de sobrevida da protagonista, por exemplo, a relevância e o espaço que os filhos têm em sua vida, as condições financeiras, a sua ocupação e a classe social à qual ela pertence.

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a

mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão? (EVARISTO, 2016, p. 39-40).

Nota-se no trecho destacado, por meio das escolhas semânticas empregadas na narrativa, a denúncia as situações que a personagem enfrenta diariamente e às quais sobrevive, como: o cansaço após um longo dia de trabalho, a demorada espera pelo transporte público, as tarifas absurdas para aqueles que dispõem de uma renda insuficiente e a realidade socioeconômica. Além disso, é possível perceber que a ação, ou a sobrevivência da personagem, é marcada e manipulada pela programação de sobreviver pelo sustento e futuro dos filhos, fazendo com que toda a renda seja destinada ao sustento deles.

Na sequência da narrativa, o trecho subsequente exprime uma oposição a essa ideia, ao evidenciar a morte, ao empregar figuras que remetem a essa conceituação, como: a palma das mãos doloridas, corte, faca-laser: “A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca-laser corta até a vida!” (EVARISTO, 2016, p. 39-40).

No desenrolar da narrativa, as ideias da oposição semântica, portanto, alternam-se. Por vezes, alternam-se entre uma qualificação eufórica, com valor positivo, para a morte e uma qualificação disfórica, com valor negativo, para a sobrevivência e, por vezes, entre uma qualificação eufórica, com valor positivo, para a sobrevivência e uma qualificação disfórica, com valor negativo, para a morte. Define-se “sobrevivência” como “Estado do que sobrevive” (SOBREVIDA, 2022), ou seja, morte e vida

coexistem, e o viver só consegue se sobressair por meio de luta. No caso do conto em análise, a “sobrevida” está nessa gangorra entre vida e morte que constitui o cotidiano na personagem, uma alternância entre ser amada e ser abandonada, comida e restos de comida figuras semânticas presentes ao longo da narrativa conforme listadas no Quadro 3 a seguir.

No nível narrativo, o segundo do percurso gerativo de sentido, tem-se a narrativa organizada a partir do ponto de vista de um sujeito, actante da narrativa. Nesse nível, encontram-se também os mecanismos de estruturação sintática da narrativa e as questões semânticas de modalização que reiteram a oposição do nível fundamental.

Examinando os mecanismos de estruturação do conto, constata-se que se trata de um percurso narrativo com um encadeamento lógico de três programas narrativos que se definem como um enunciado de estado regido por um enunciado de fazer - o primeiro apresenta a relação de junção entre o Sujeito do Fazer e o Objeto de Valor, enquanto o segundo configura a transformação operada pelo Sujeito do Fazer na relação do Sujeito do Estado com os Objetos de Valor. Esquematiza-se essa estrutura conforme o modelo exposto por Barros (2005, p. 24) no Quadro 1:

Quadro 1: Esquema da estrutura narrativa inspirado em Barros (2005).

| |
|--|
| $PN = F[S1 \rightarrow (S2 \cap Ov)]$ ou $PN = F[S1 \rightarrow (S2 \cup Ov)]$ |
| PN = Programa Narrativo |
| F= função |
| \rightarrow = transformação |
| S1= sujeito do fazer |
| S2= sujeito do estado |
| \cup = conjunção |
| \cap = disjunção |
| Ov= objeto de valor |

Fonte: Organizado pelas autoras, 2022.

Assim, de acordo com o modelo, observa-se alternância das ideias “vida” e “morte”, configurando a sobrevivência como efeito de sentido da composição narrativa em que prevalece, por fim, a morte (Quadro 2):

Quadro 2: Programas narrativos que estruturam o conto

PN1: Maria aguarda o ônibus cansada ao sair do trabalho, com frutas para os filhos provarem, restos de comida da festa da patroa e uma gorjeta que seria usada para a compra de remédios para os filhos gripados e uma lata de “Toddy”.

F (chegar em casa) [S1 (Maria) → S2 (o caminho) ∩ Ov (ônibus, espera, passagem cara)].

PN2: Maria tem sentimentos antigos despertados ao reencontrar, no ônibus, o pai do seu filho mais velho e, também, sua antiga paixão. Após desejar um abraço, um beijo e um carinho ao filho, esse homem protagoniza um assalto no ônibus.

F (amar) [S1 (Pai do seu filho) → S2 (Maria) ∪ Ov (felicidade, amor, o filho)].

F (ser abandonada) [S1 (Pai do seu filho) → S2 (Maria) ∪ Ov (despedida, buraco no peito)].

PN3: Maria é linchada até a morte. A revolta dos demais passageiros após o assalto, acreditavam que Maria - mesmo negando e tentando lutar por sua sobrevivência - estava envolvida.

F (sobreviver) [S1 (passageiros) → S2 (Maria) ∪ Ov (sobreviver, vida, a sacola arrebatada)].

Fonte: Organizado pelas autoras, 2022.

Ao analisarmos os programas narrativos descritos no Quadro 2, pode-se observar as transformações ocorridas que resultam no sujeito em disjunção com os objetos de valor relacionadas à vida e configuram três programas de privação que culminam na morte como valor final. Quanto ao valor investido nesses objetos, nota-se que no **PN1** os objetos “gorjeta”, “melão” e “restos de alimento” têm um valor descritivo que configuram a vida; no **PN2**, tem-se os objetos “felicidade” e “amor” com o valor modal de “querer” reiterando a vida; e, por último no **PN3**, encontra-se os objetos “sobreviver” e “vida” com valor modal e o objeto “sacola arrebentada” com valor descritivo, por fim, da morte que se sobrepõe.

Ainda sobre os mecanismos de estruturação da narrativa, há quatro fases que compõem essa estrutura, determinando as ações e as interações entre os actantes da narrativa, sendo elas: a manipulação, a competência, a performance e a sanção (FLOCH, 2001, p. 23). Explicita-se cada uma delas com base no conto em análise.

A fase da manipulação desse conto configura-se no fazer diário de Maria, como actante da narrativa, ao ter que criar estratégias diariamente para superar o cotidiano ao qual precisa sobreviver: trabalhar, esperar o ônibus, aceitar a realidade - ônibus que demora, passagem cara, restos de comida. Maria, ao retornar do trabalho para casa, na fase da competência, atua como sujeito do querer. Ela quer entregar aos filhos os restos de comida recebidos e quer oportunizar que sintam o gosto de melão. A gorjeta recebida permite que ela possa comprar remédio e agradar os filhos com um doce, “uma lata de Toddy”. Na performance, as ações de Maria são modalizadas pelo saber dos passageiros. Revoltados, os passageiros julgam Maria como culpada e acreditam que ela estava envolvida no assalto. Eles agem violentamente, linchando-a até a morte. Tal performance leva à fase de sanção: a morte de Maria, que nada pode mais querer nem mesmo sobreviver.

O terceiro nível do percurso gerativo de sentido é o do discurso,

o mais superficial e próximo da manifestação textual, em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação. Nele, analisam-se as projeções da enunciação em que verificam-se “quais são os procedimentos utilizados para construir o discurso e quais os efeitos de sentidos fabricados pelos mecanismos escolhidos.” (BARROS, 2005, p. 54).

Ao identificar os recursos sintáticos envolvidos na produção de efeitos de proximidade e distanciamento da enunciação, nota-se o uso de duas vozes que se confundem ao longo da narrativa. O texto é narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente, que se encontra intercalado por enunciados autobiográficos, em um discurso subjetivo construído em primeira pessoa, externando uma narrativa confessional revelando um efeito de aproximação e adensamento da realidade.

Quanto aos efeitos de realidade, eles também são produzidos por meio de um recurso semântico denominado de ancoragem. Trata-se do estabelecimento da iconização na qual “o enunciador utiliza as figuras do discurso para levar o enunciatário a reconhecer ‘imagens do mundo’ e, a partir daí, acreditar na ‘verdade’ do discurso.” (BARROS, 2005, p. 70). Percebe-se uma ancoragem temporal e espacial ao longo da narrativa para que esse efeito de ‘verdade’ se presentifique: o espaço apresentado estabelece relação com a realidade ao determinar a passagem do tempo, por meio da espera pelo ônibus, do percurso do ônibus e do linchamento até a morte. Assim, fica explícito ao leitor que o tempo da narrativa se organiza a partir do desenrolar das ações que se relacionam com o lugar onde tudo acontece.

Ainda no nível discursivo, as oposições fundamentais, assumidas como valores narrativos, desenvolvem-se sob a forma de temas e concretizam-se por meio dos percursos figurativos da semântica discursiva. Essa reiteração dos temas e a recorrência das figuras no discurso, denominada de isótopo, asseguram a linha sintagmática do discurso e sua coerência semântica (BARROS, 2005, p.70). A oposição vida/morte se presentifica em diferentes figuras semânticas expostas, a seguir, no Quadro

3:

Quadro 3: Algumas figuras semânticas que evidenciam a oposição semântica a partir do conto “Maria” (EVARISTO, 2016)

| VIDA | MORTE |
|--|--|
| “frutas e a gorjeta” (p. 41) | “cansada de esperar “ (p. 41) |
| “remedinho” (p. 41) | “sacola pesada” (p. 41) |
| “lata de Toddy” (p.41) | “palmas de uma de suas mãos doía”(p. 41) |
| “O ônibus não estava cheio, havia lugares” (p. 42) | “corte” (p. 41) |
| “gravidez” (p. 42) | “faca a laser” (p. 40) |
| | “sacando a arma” (p. 43) |
| | “sacola arrebentada” (p. 44) |
| | “frutas rolando” (p. 44) |

Fonte: Organizado pelas autoras, 2022.

Além da análise do percurso gerativo de sentido, há o entendimento acerca da importância de examinar o plano de expressão, que engloba aspectos como o discurso, a enunciação e o contexto sócio-histórico que se apresenta na narrativa. Esse exame do plano da expressão permite entender como os efeitos de sentido do texto não apenas se apresentam, mas também jogam com a intertextualidade tramando o enredo em relação à sociedade e sua história (BARROS, 2005, p. 78).

Portanto, a fim de determinar os valores que o texto veicula, buscase a análise contextual, entendendo-a “como uma organização de textos que dialogam com texto em questão. Assim concebido, o contexto não se confunde com o ‘mundo das coisas’, mas se explica como um texto maior [...]” (BARROS, 2005, p. 78). Dessa maneira, a concepção de Necropolítica

mostra-se relevante, um conceito-chave, para que se possa problematizar e contextualizar os temas e figuras do discurso com as marcas culturais, sociais e históricas.

Sobre a necropolítica e o biopoder: algumas reflexões a partir do conto analisado

A partir das proposições elaboradas pelo filósofo Achille Mbembe (2018), em relação à Necropolítica e ao Necropoder, tem-se um aprofundamento acerca do pensamento foucaultiano ao propor um deslocamento sobre a compreensão do biopoder e da biopolítica. O autor propõe que esses conceitos sejam estudados valendo-se de uma lógica que evidencie os contextos pós-coloniais, inquirindo as relações de poder e os traços de colonialidade que, ainda, se perpetuam nas sociedades contemporâneas. Assim, reitera-se a necessidade de examinar as questões raciais contemporâneas, dado que o

[...] racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “este velho direito soberano de matar”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e torna possíveis as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para aceitabilidade do fazer morrer.” (MBEMBE, 2018, p. 18).

Logo, o biopoder transforma a vida e a morte em uma particularidade política, perpetuando esses traços de colonialidade que marcam a trajetória dos negros no território brasileiro - por meio da violência, da submissão e da desvalorização do ser humano - pautada por uma configuração de territórios e práticas sociais que determinam, por meio do poder político e social e por meio de ações e omissões, sempre dizimar a vida da população

negra. Dados apresentados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), no Relatório Atlas da Violência, relativo ao ano de 2019, comprovam que o poder necropolítico está entrelaçado ao genocídio dessa população, visto que:

Em 2019, os negros (soma dos pretos e pardos da classificação do IBGE) representaram 77% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 29,2. Comparativamente, entre os não negros (soma dos amarelos, brancos e indígenas) a taxa foi de 11,2 para cada 100 mil, o que significa que a chance de um negro ser assassinado é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra. [...] Da mesma forma, as mulheres negras representaram 66,0% do total de mulheres assassinadas no Brasil” (CERQUEIRA, 2021, p.49).

Entende-se que o poder e a soberania de subjugar outras vidas se perpetuaram com base em uma estrutura que tem por fundamento a lógica de que “a guerra colonial não está sujeita a normas legais e institucionais.” (MBEMBE, 2018, p. 36). Assim, é perpetuada no imaginário coletivo essa ideia de poder sobre outros sujeitos.

O conto de Conceição Evaristo descortina eventos e pensamentos que evidenciam a presença contemporânea dessa guerra colonial que só parece superada. A diferença dos modos de viver em um cotidiano repleto de desafios para que a vida aconteça e não seja somente sobrevida constitui essa narrativa que é apenas uma dentre tantas evidências da precariedade da vida de alguns quando não deveria ser a de ninguém. Essa é uma precariedade a qual não se consegue subverter, porque depende dos querer dos outros que se impõem sobre a vida. Por meio da ficção, pauta-se a realidade, uma realidade que não se nega esteja muitas vezes (mais do que deveria) presente em notícias de jornal ou em reportagens veiculadas em vídeo, mas que entendemos ganha força quando descortinada pela linguagem literária. Essa linguagem possibilita ao leitor o exercício de ao

mesmo tempo se deslocar da realidade, lendo sob a perspectiva da ficção, mas sem perder as lentes do mundo em que vive, presenciando cenas a partir de uma voz narrativa muitas vezes implicada como a de Maria no conto de Conceição Evaristo. Tal implicação confere aos fatos tom de verdade e, por isso, provoca a pensar sobre o presente, real e imediato tornando a leitura literária também um fazer essencial na luta para construir uma cultura de respeito.

Considerações finais

Por fim, a literatura nos oferece a possibilidade de refletir sobre essa política de extermínio que, agregada à desigualdade social enraizada na sociedade, faz com que essas marcas provenientes de um racismo estrutural perdurem.

A personagem Maria oferece aos leitores do conto um ponto de vista único que amplia as possibilidades de acesso ao mundo e às suas realidades. A leitura literária exerce assim suas funções (TODOROV, 2009): sublimar sentimentos, afastar a solidão, dar forma aos sentimentos, ordenar e dar sentido aos eventos da vida (sejam eles conhecidos ou pura novidade) e refletir, formulando suas próprias teses a respeito do humano.

O conto expõe ao leitor uma realidade talvez desconhecida ou distante, oportuniza estar diante de uma situação em que vida e morte coexistem como campo de forças que configuram o ser humano. Os sujeitos que habitam tal realidade têm seus modos de ser e agir no mundo estrategicamente manipulados em busca da sobrevivência às tecnologias da necropolítica que têm regido a sociedade de maneira velada para alguns e escancarada para outros. A ficção moderniza uma situação colonial pautando questões que precisam urgentemente ser superadas sob pena de vidas continuarem sendo perdidas.

Referências

AGUIAR, Vera. Leitura literária: da teoria à prática social. In: LIMA, Aldo de *et al* (Org.). *O direito à literatura*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. p. 134-153.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. 4 ed. São Paulo: Editora Parma, 2005.

COSSON, Rildo; PAULINO, Graça. A literatura no território dos direitos humanos. In: LIMA, Aldo de *et al* (Org.). *O direito à literatura*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. p. 87-108.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas/Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

CERQUEIRA, Daniel et al. *Atlas da violência 2021*. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2022.

FLOCH, Jean-Marie. Alguns conceitos fundamentais em Semiótica Geral. In: FLOCH, Jean-Marie. *Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas*. Tradução de Analice Dutra Pilar. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2001. p.1-31.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1, 2018.

SOBREVIDA. In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [S. l.]: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sobrevida>. Acesso em: 01 jun. 2022.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

Between life and death, the search for survival - an analysis of the short story Maria by Conceição Evaristo

Abstract: The present text discusses the intertwining between literature and necropolitics using the short story Maria from the collection Olhos d'água by Conceição Evaristo (2016). The short story is analyzed based on the model of the generative path of meaning of discourse semiotics, expanding the understanding of how the text says what it says and leaves effects of meaning that invite reflection, building theses about the human being from fiction. It is observed that literature plays an important role in uncovering meanings through narrated facts and describes characters that offer diverse perspectives of the world and their relationships. The connection between fiction and reality helps to guide a past that is still present and needs to be overcome, since that otherwise more lives will be lost.

Keywords: Literature. Necropolitics. Sense production. Discursive semiotics.